

AUSÊNCIA E REJEIÇÃO EM *O SILÊNCIO DOS AMANTES*, DE LYA LUFT

Cristina Vieira SCHNEIDER¹

Dr. Paulo Henrique PRESSOTTO²

Eixo temático: Literaturas indígena e LGBTQI+

Resumo

Este artigo tem como objetivo a análise, sob os temas da ausência e da rejeição, de alguns contos selecionados do livro *O silêncio dos amantes* (2008), da escritora Lya Luft. Os contos “O internato” e “O Anão”, além de trazer os temas referidos, apresentam como protagonistas “o filho rechaçado”. Destacando aspectos formais da narrativa, como o personagem, o espaço e o tempo, busca-se relacioná-los com os temas referidos. Para a concretização deste trabalho, foram aplicados conceitos teóricos sobre a incomunicabilidade no mundo contemporâneo de BAUMAN (2004); os conceitos e definições de BAL (2009), D’ONOFRIO (2007) e CANDIDO (2011) sobre os aspectos formais da narrativa. Os resultados alcançados permitem afirmar que: a) a ausência e a rejeição estão presentes nos contos escolhidos; b) há outros temas, como a violência e o preconceito, que se destacam no âmbito da ausência e da rejeição; c) a incomunicabilidade entre os personagens é uma problemática do tempo contemporâneo e está presente nos contos.

Palavras-chave: Lya Luft. *O silêncio dos amantes*. Ausência. Rejeição.

Considerações iniciais

Lya Luft nasceu no dia 15 de setembro de 1938 em Santa Cruz do Sul, Rio Grande do Sul. Estudou em Porto Alegre, onde se formou em Pedagogia e Letras anglo-Germânicas pela Pontifícia Universidade Católica. É uma escritora que produz

¹ Discente do Curso de Letras Port./Espanhol – UEMS/Dourados

² Docente do curso de Letras Port./Espanhol – UEMS/Dourados. E-mail. paulopressotto@uol.com.br

poesias, ensaios, contos, literatura infantil, crônicas e romances; também foi colunista da revista *Veja*, entre 2004 e 2016. Traduziu vários livros e foi professora universitária. Em 1996, seu livro *Rio do meio* (1996), gênero não definido, foi considerado a melhor obra de ficção no Brasil, recebendo o prêmio da Associação Paulista de Críticos de Arte. Em 2001, a autora ganha o prêmio União Latina de melhor tradução técnica e científica pela obra *Lete: arte e crítica do esquecimento de Harald Weinrich*. Em 2013, recebeu o prêmio Machado de Assis, da Academia Brasileira de Letras, pela obra *Tigre na sombra* (2012). Recebeu ainda o prêmio Jabuti em 2000, pela obra *O ponto cego* e em 2009 ficou em nono lugar com a obra *O silêncio dos amantes* (2008).

O silêncio dos amantes (2008) contém vinte contos; neles há temas relacionados ao mundo contemporâneo como: a incomunicabilidade, a violência, a rejeição, a ausência, entre outros. Nas buscas por trabalhos científicos sobre esta obra de Luft, não foram encontradas análises que tratassem exatamente tais temas. Por esse motivo, resolve-se abordá-los aqui, selecionando, então, alguns contos em que os temas mais predominam. Assim, ressalta-se que a escolha dos temas se justifica pelo fato de que nos contos eles são mais evidentes e se relacionam com alguns aspectos formais da narrativa, como o personagem (a voz), o enredo, o tempo, o espaço além de trazer como protagonistas o filho rejeitado.

Para esta abordagem, foram estabelecidas algumas questões as quais servirão de norte para esta análise: em que voz o narrador descreve os contos; como nos contos a violência e o preconceito estão presentes no âmbito dos temas ausência e rejeição; como na narrativa os personagens estão postos em relação ao outro, tendo como questão o tempo e o espaço no âmbito da ausência e da rejeição; como nos quatro textos se configura o conflito entre familiares no que se refere à ausência e à rejeição.

Dessa forma, com base nas questões acima levantadas, foram traçados os seguintes objetivos a serem alcançados: a) estudar a voz do narrador e dos personagens em relação ao tema; b) focar a violência e o preconceito em relação aos temas da ausência e da rejeição; c) analisar o tempo e o espaço em cada conto; d) abordar os personagens em cada conto no âmbito da incomunicabilidade; e) revelar o contexto de cada conto e sua importância na configuração dos temas tratados.

Para tanto, estabelece-se alguns passos os quais se traduzem no método de abordagem: análise dos contos, tendo como base teórica os conceitos sobre narrador (D'ONOFRIO, 2007); sobre violência e preconceito (CARVALHO, 2010); sobre o tempo e o espaço (BAL, 2009; D'ONOFRIO, 2007); sobre o personagem (CANDIDO, 2011); sobre o contemporâneo, ou seja, sobre a “fluidez da modernidade” e as relações entre as pessoas (BAUMAN, 2001, 2004).

Na sequência, seguem as abordagens dos contos referidos.

“O internato”

O conto “O internato” relata a história de um menino que sofria com maus tratos do pai. Este batia também em sua mãe e em suas irmãs. Certo dia, em que seu pai bateu em sua mãe, ele acabou mordendo-o no peito, sentindo o gosto de “sangue ruim”. Sua mãe o pegou no colo e o levou para o quarto. Com raiva, o pai decide que o mandaria para o internato para ser educado. Sua mãe tenta convencer o marido a não enviá-lo, porém não consegue. No internato, o menino aprende a se defender. Quando se torna adulto, ele arruma um emprego e aluga um quarto. Com a promoção, consegue comprar uma casa própria. Suas irmãs e sua mãe sempre vinham visitá-lo. O tempo passa e ele volta a ver o pai após a morte da mãe. Fica sabendo, por meio de uma de suas irmãs, que seu pai estava debilitado fisicamente e muito pobre; ele ficava em casa igual a um bicho, comendo comida que parecia ração, também buscava alimentos na lata de lixo, contando com a caridade de vizinhos que tentavam ajudá-lo. O filho, aparentemente comovido com essa situação, acaba levando-o para morar em sua casa. No entanto, deixava-o amarrado devido à enfermidade (demência); tinha que trocá-lo e limpar a baba. Com tanto trabalho, resolve colocar o pai num asilo não muito bom. Essa seria uma parte de sua vingança, pois só aceitara o pai em sua casa por causa do apelo das irmãs.

Segundo Antônio Cândido, em seu livro *A personagem de ficção* (2011), “[...] as personagens fictícias que vivenciam os acontecimentos do enredo exprimem os intuitos do romance, ou seja, a visão da vida que decorre os significados e os valores que animam completa o personagem do mais vivo que existe” (CANDIDO, p.53). Em “O internato”, a personagem principal é um jovem adulto que volta às lembranças de

quando era jovem. Nessa lembrança, sua mãe estava com ele no colo, ela tinha cheiro de bolo, perfume barato, e um olhar sofrido. Recorda também que o pai o maltratava. Depois de uma briga em que seu pai bate em sua mãe, ele o enfrenta, mordendo-o no peito (p.84-85). Essas lembranças, que tratam da relação conflituosa, podem ser constatadas na seguinte passagem:

[...] quando eu tinha onze anos, depois de uma grande briga, avancei contra ele, e, mal chegando à metade da sua altura, fiz o que podia: mordi a carne de seu peito e não larguei nem enquanto ele me dava tapas e socos. Senti o gosto do seu sangue ruim. Por fim minha mãe conseguiu me arrancar dali, gritando e chorando. Agora a gente não podia mais conviver, ele e eu. Foi decidido que eu iria para um internato de padres, longe dali, aprender a ser um homem decente e um filho respeitoso. Não houve discussão, não houve argumento de minha mãe que o convencesse, nem lágrima, nem pedidos de minhas irmãs, mas pai, ele é tão pequeno, tem pouca saúde, não faça uma coisa dessas! Eu nem implorei nem chorei na frente dele, embora me sentisse morrer só de pensar em ser tão cedo separado das pessoas que me amavam, minha mãe e minhas irmãs. Não teria adiantado mesmo. Ele dizia:

_ Tenho um inimigo dentro de casa, e é esse rapaz. Não quero ver a cara dele por aqui. Não quero que ele cresça perto de mim. Não tem prato de comida para ele na minha mesa (LUFT, 2008, p.84-85).

O pai começa a rejeitar o filho porque o considerava como inimigo. Por mandar na casa, batia na mulher. Ao mordê-lo, o filho quebra esse conceito de obediência, por este motivo o pai o rechaça. Se o filho o mordeu, ele entende que deve fazer alguma coisa. Em sua mente doentia, deve cortar o mal pela raiz, ou seja, dar o exemplo para os outros.

O filho era indignado com o pai, com a situação; pois o pai era religioso, lia a bíblia e não maltratava os animais (quando passava um bicho em sua frente, deixava-o passar, não pisava). No entanto, maltratava o filho, indo de encontro com outras

“atitudes” boas que nele existiam. Quando o filho estava internado no colégio, não o visitava; também não lhe demonstrava nenhum carinho. Era completamente ausente.

Neste conto, a violência está presente no seio familiar e pode ser claramente observada, na citação acima, quando o pai batia na mulher e nos filhos. Aqui há também a incomunicabilidade.

Em outra passagem, verifica-se que no internato o personagem sofre violência física das pessoas que cuidam dos internos. Elas batiam nas crianças para tornarem-se obedientes, inteligentes e organizadas. Carvalho, em seu texto “Violência infanto-juvenil”, afirma que “[...] a violência física ocorre quando alguém causa ou tenta causar dano por meio de força física, de algum tipo de arma ou instrumento que possa causar lesões internas, externas ou ambas” (CARVALHO, 2010, p.31-32).

Além disso, o personagem quase sofre violência sexual nesse espaço e por receber a influência brutal do pai não deixa ninguém tocá-lo: “Onde só não fui abusado porque também sabia ser violento, meu apelido era louquinho, até os maiores sentiam medo de mim” (LUFT, 2008, p.88). De acordo com Carvalho, a “[...] Violência sexual é toda ação na qual uma pessoa, em situação de poder, obriga outra à realização de práticas sexuais, utilizando força física, influência psicológica ou uso de armas ou drogas” (CARVALHO, 2010, p.31-32).

Tratando do espaço, Mieke Bal, em seu livro *Teoría de la narrativa*, afirma que: “En principio los lugares se pueden situar, del mismo modo que se puede indicar un mapa la situación geográfica de una ciudad o un río (BAL, 2009, p.101)³. A autora ainda diz que “[...] la historia se determina por la forma en que se presenta la fábula. Durante este proceso vehiculan los lugares a ciertos puntos de percepción. El punto de percepción puede ser un personaje, que se sitúa en un espacio”. (BAL, 2009, p. 101)⁴. No relato do internato, os espaços são significativos para o melhor entendimento do enredo por apresentar junto a eles um ambiente fechado que se relaciona diretamente à vida que o personagem então leva. Vê-se, como exemplo, a casa onde o personagem vivia com os pais e que é descrita de forma muito ruim por causa do

³ Em princípio, os lugares podem ser situados, do mesmo modo em que se pode indicar num mapa a situação geográfica de uma cidade ou um rio (BAL, 2009, p. 101, tradução nossa).

⁴ [...] a história é determinada pela forma em que a fábula se apresenta. Durante este processo, vehiculan os lugares em certos pontos de percepção. O ponto de percepção pode ser um personagem que se situa em um espaço. (BAL, 2009, p. 101, tradução nossa)

autoritarismo e desprezo presente por parte do pai: “[...], mas em casa nos tratava como se vivêssemos num covil, aquilo não era um lar: era uma caverna de animais aterrorizado por uma fera”(LUFT, 2008, p.84). De acordo com Bal,

[...] hay tres sentidos con especial implicación en la percepción del espacio: vista, oído, y tacto. Las formas, los colores y los volúmenes se suelen percibir visualmente, siempre desde una perspectiva concreta. Los sonidos pueden contribuir, aunque en menor medida, a la presentación del espacio. Las percepciones táctiles no suelen tener mucho significado espacial (BAL, 2009, p.101).⁵

Pode-se relacionar a colocação acima de Bal, sobre espaço, com o relato. Vê-se esse lugar: o espaço em que viviam era uma casa velha, sem nenhum conforto. Havia um fogão de lenha, onde sua mãe assava bolos. Ela usava perfume barato:

Sou ainda bem pequeno. Ela me pega no colo, me aperta contra si e soluça. O cheiro dela, mistura de jasmim – seu perfume doce e barato – e bolo de laranja, passa de seus cabelos para minhas narinas. O conforto desse abraço contrasta com o meu medo (LUFT, 2008, p.83).

Segundo D’Onofrio, em seu livro *Forma e sentido do texto literário* (2007), “O espaço fictício compõe a obra quando o personagem tem seus atos e sentimentos” (D’ONOFRIO, 2007, p.83). O espaço do internato onde o menino foi enviado pelo pai, era uma escola católica em que internava criança com mau comportamento. Ele era administrado por pessoas más: “O internato era imenso, o dormitório frio, com chão de ladrilhos, dezenas de camas enfileiradas, tudo ali era impessoal e me parecia ameaçador” (LUFT, 2008, p.86).

Os anos passam e quando sai do internato, o filho aluga um quarto e depois, com o aumento do salário, consegue comprar uma casa. A mãe morre, e o pai fica sozinho, vivendo em situação miserável. As irmãs, preocupadas com o pai, decidem

⁵ [...] há três sentidos com especial implicação na percepção do espaço: vista, ouvido e tato. As formas, as cores e os volumes costumam ser percebidos visualmente, desde uma perspectiva concreta. Os sons podem contribuir, ainda que em menor medida, à apresentação do espaço. As percepções táteis não costumam ter muito significado espacial. (BAL, 2009, p. 101, tradução nossa).

pedir ajuda ao irmão, mas ele desconsidera essa ação. Tempo depois, aceita e leva o pai para morar com ele, deixando-o amarrado para não se arranhar e sangrar. Mais tarde, decide colocá-lo num asilo, um lugar sujo. Aqui percebemos que o filho tinha magoa pelo motivo de ausência e rejeição do pai, ficando satisfeito quando sua vingança se concretiza:

Consegui finalmente um lugar para ele num asilo de velhos. Fui até lá verificar, e é dos piores; espaço do asilo encardido e malcheiroso, atendentes com ar feroz e uniformes manchados os velhos tapados com cobertores fininhos e remendados, a comida parecendo ração de cachorro. (LUFT, 2008, p.88)

O tempo no conto “O internato” é cronológico porque apresenta causas e sequências de fatos na composição da história e também é psicológico. Para D’Onofrio,

[...] os valores cronológicos são regidos pelo princípio de causalidade: *o hoc post hoc* leva naturalmente ao *hoc propter hoc*, quer dizer; temporalidade e causalidade são dois conceitos que vão quase sempre juntos, sendo difícil distinguir um do outro, mormente em narrativas de grande coerência diegética, preocupadas em criar uma ilusão de realidade, em proporcionar uma informação verossímil. (D’ONOFRIO, 2007, p.85)

Por sua vez, o tempo psicológico neste conto se dá quando o personagem está no quarto limpo e retorna às lembranças do passado, quando lembra da casa, do cheiro da mãe, da situação que passou quando foi para o internato e sobre sua situação financeira. Ainda, de acordo com o crítico,

[...] o tempo psicológico [...] não é um tempo absoluto, mensurável por meio de padrões fixos. É o tempo interior a personagem e a ela relativo, porque é o tempo da percepção da realidade, da duração de um dado acontecimento no espírito da personagem. Ou seja, fala sobre seus sentimentos (D’ ONOFRIO, 2007, p.85).

No relato, o tempo psicológico aparece quando o personagem sente raiva e vontade de se vingar do pai. Além disso, o espaço e a incomunicabilidade foram destacados, nesta seção, assim como a violência foi descrita para mostrar que o personagem era maltratado, sofrendo a rejeição.

“O anão”

O enredo do conto o anão começa na escola, pois o personagem é insultado por seu colega. Ele fica com ódio e chora baixinho, nenhum adulto tinha visto aquilo, porque eles não estavam por perto. Em casa, na hora da refeição, o anão resolve pedir ajuda ao pai, pensa que esse vai ajudá-lo. O pai queria saber que tipo de insulto ele tinha sofrido. O anão, então, responde que levava uns tapas e também conta que um colega o insultava. O pai olha para o anão e fala que todo mundo passa por isso. Durante o almoço, o anão tenta se servir e derruba a sopa na roupa. Por esse fato, o pai o chama de porco, levantando-se da mesa, batendo em tudo. O anão vai para debaixo da mesa, a mãe o olha e ele sai guinchando feito porco, e todos ficam surpresos.

O conto revela como pessoas com deficiência são vistas pela sociedade contemporânea, e como a escola e também a família lidam com essa situação. O tempo é cronológico porque apresenta causa e consequência: o anão sai de sua casa, vai à escola, depois ao consultório médico, e retorna à casa. A narrativa foca o preconceito de duas formas: a primeira mostra um menino com deficiência física, rejeitado pelo pai. Esse se ausenta nos cuidados com o filho. Segue a passagem:

Na manhã seguinte resolvi pedir que ele me ajudasse, afinal é meu pai. Ele me gerou, portanto é o responsável. Nunca lhe peço nada. Procuro até evitar que me note, porque sempre tem para mim uma palavra dura, um gesto de desprezo, um olhar gelado (LUFT, 2008, p.23).

O anão sentia a ausência do pai. Não havia diálogo e também carinho entre eles, ou seja, a incomunicabilidade estava presente. O filho era rejeitado por ser anão.

Somente a mãe o amava, mas no fundo não se conformava por ele ser assim. Segue a passagem em que esse fato é narrado:

Minha mãe a meu lado quer me agradar e prepara meu pão com geleia, que corta em pedacinhos como se eu, além de anão, fosse incapaz. Me serve leite com chocolate e uma fruta. Junto do prato, sempre as pedrinhas coloridas que são meus comprimidos. Muito remédio para ser saudável e para crescer. Mas eu não vou crescer. Minha mãe ainda tem esperança (LUFT, 2008, p.24)

A irmã também o amava, mas só ficava preocupada com o namorado e para lembrar que ele existia passava a mão na cabeça. Ao fazer isso, ele sente raiva, tristeza, porque a irmã estava praticando preconceito contra ele (LUFT, 2008, p.23).

O segundo preconceito pelo qual o anão passa é revelado logo no começo da narrativa. O ambiente é a escola e lá é insultado por seu colega no pátio. O anão também sente raiva e tristeza e fica mais forte para superar a violência: “Você não foi parido, foi cagado; gritou meu colega no pátio da escola durante o recreio” (LUFT, 2008, p.23).

O narrador-personagem descreve uma escola sem nenhuma preparação para receber um menino com deficiência física. Para estudar, colocava almofada na cadeira para alcançar a mesa. Vê-se:

Os móveis na sala de aula também ficam fora do meu alcance. Para começar, a cadeira é alta demais. Subo pisando num banquinho parecido com aquele de casa, parece que estou escalando uma montanha. Aí sento sobre uns livros empilhados, ou não alcançaria a mesa. Mas gosto de algumas aulas e gosto de ler (LUFT, 2008, p.26).

Por sua vez, o espaço que o anão vivia com sua família era uma casa grande que em cima ficava os quartos, com uma escada que dava acesso à cozinha. Seu pai era alto e havia construído a casa pensando que os filhos seriam altos ou de estatura média. Com o nascimento do anão, o pai se decepciona. A partir daí, começa a rejeição e a ausência do pai em relação ao filho.

Com relação aos cômodos da casa, a cozinha era espaçosa, sem nenhuma adaptação. Para o anão pegar os objetos, havia um banquinho para que pudesse alcançá-los, mas às vezes seu pai o escondia. A empregada, querendo ajudá-lo, deixava um banquinho na copa da cozinha. O pai, além de rejeitar o filho, se sentia incomodado com essa situação:

A mãe, depois de muitas tentativas frustradas, para fazê-lo crescer, descobre que ele era anão. Ela constrói um quarto para ele, deixando-o feliz: “Minha mãe mandou fazer um quarto especial, quando depois de alguns anos começou a perceber que eu sou assim. E minha cama, uma caminha baixa e curta, na verdade um berço de pernas cortadas, está encostada numa prateleira” (LUFT, 2008, p.26).

No quarto, sua cama era um berço adaptado e quando todos dormiam em suas camas, ele se sentia sozinho e amargurado, mas criava um mundo imaginário. No entanto, o personagem sente a rejeição do pai. Não há comunicação entre eles. O pai incentiva-o a deixar de lado a agressão que sofreu na escola; fala que todo mundo passa por isso e, assim como o filho, sofreu preconceito um dia. Diz que o tempo o fará esquecer. Não lhe dá mais conselhos e quando tenta ajudá-lo, deixa o protagonista mais triste (LUFT, 2008, p.23). Sentia também mágoa da mãe, mas ela e a irmã eram as únicas que o amavam. A mãe não aceitava a realidade, a irmã o olhava com deboche e pena (LUFT, 2008, p.23).

A violência está presente na casa do anão em algumas situações: quando o pai o chama de porco por “não saber” comer (violência psicológica); na escola, a violência é psicológica e física por ser insultado e por baterem nele (LUFT, 2008, p.32).

No final do conto, o anão se torna um porco, ou tem atitudes deste animal ao sair correndo pelos cômodos da casa quando ouve o pai xingá-lo de porco. Essa fuga faz com ele se sinta poderoso, com liberdade. Sem abaixo uma passagem que descreve todo esse momento com detalhes:

[...] saiu pisando com ódio, bateu a porta da copa, bateu a porta da casa, bateu a porta do carro e arrancou ainda furioso. Ele bate em tudo porque não pode bater em mim. Sou pequeno demais. Sou um pobre anãozinho encolhido na sua cadeira aí eu fui escorregando para o chão, e deitado embaixo da mesa comecei a grunhir baixinho.

Quando minha mãe, que tinha corrido atrás do marido tentando acalmá-lo, voltou e se abaixou para ver o que estava fazendo, levantei os olhos para ela, sacudindo meu rabinho retorcido, contente porque achei que ela ia me pegar no colo. Mas ela, boca muito aberta, só gritava, meu filhinho, meu filhinho. Então sai em disparada pela casa, esbarrando nos moveis, nas pernas das pessoas atônitas, guinchando feito louco. Pelo espanto, agora eu era poderoso (LUFT, 2008, p.32).

Neste conto, além da ausência e rejeição, aparece o preconceito de duas maneiras: o preconceito que o anão sofre na escola e o que sofre dentro de casa. Há também dois tipos de violência, a física e a psicológica. A incomunicabilidade aparece porque o pai nunca havia dado atenção ao filho. Foi também destacado o tempo psicológico: o personagem escrevia o que ele sentia e o que pensava. Por sua vez, os espaços descritos foram a casa e a escola. Nesses dois lugares, o anão convive com outros sujeitos, em uma relação de opressão.

Considerações Finais

Neste trabalho, foram analisados os temas ausência, rejeição em dois contos do livro *O silêncio dos amantes* (2008), de Lya Luft: “O internato” e “O anão”. O critério para a escolha desses contos foi o de que neles esses temas são predominantes, além de apresentar o “filho rechaçado” como protagonista. Em cada conto, foram destacados alguns aspectos da narrativa, relacionados com os temas citados acima.

Verificou-se que, no âmbito dos temas ausência e rejeição, a violência, o preconceito e a incomunicabilidade, entre os personagens, contribuem para a tensão existente nas fabulações. Também conseguiu-se constatar que os temas abordados em uma relação com aspectos da narrativa como o narrador, o personagem, o tempo e o espaço são evidentes e problematizados no mundo contemporâneo (ou melhor, na modernidade fluída, segundo as concepções desenvolvidas por Bauman (2001).

Outro resultado que apontamos se refere ao narrador-protagonista de cada relato. Cada qual representa os diferentes, ou melhor, com a diversidade, que,

contemporaneamente, são rechaçados, discriminados e oprimidos por uma sociedade em que os valores humanos são descartados.

Para finalizar, espera-se, com este trabalho, a contribuição positiva com a fortuna crítica da autora Lya Luft, bem como, em especial, com a crítica sobre a obra *O silêncio dos amantes* (2008).

Referências

- BAL, Mieke. *Teoría de la narratología*. Madrid: Editora cátedra, 1985, 2009
- BAUMAN, Zygmunt. *Amor líquido*. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- BAUMAN, Zygmunt. *A modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- CANDIDO, Antônio. *A personagem de ficção*: São Paulo: Perspectiva, 2011.
- CARVALHO, Cláudia Maciel. "Violência infanto-juvenil". In: ALMEIDA, Maria da Graça Blay. *Violência na sociedade contemporânea*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010. (p.30-43).
- D'ONOFRIO, Salvatore. *Forma e sentido do texto literário*. São Paulo: Ática, 2007.
- LUFT, Lya. *O silêncio dos amantes*. Rio de Janeiro: Record, 2008.